

OS JOVENS E AS NOVAS TECNOLOGIAS NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA DO ENSINO MÉDIO: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE PROFESSORES

Fausta Porto Couto.

Mestra em Educação pela Universidade de Brasília – UnB. Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB e Coordenadora Pedagógica da SEC - BA. E-mail: faustaec@gmail.com

Resumo:

Vivemos hoje em uma sociedade chamada por muitos de tecnológica. Portanto, na intenção de compreender esse “mundo net”, este trabalho busca apresentar algumas reflexões acerca da relação entre os jovens e os professores na escola deste contexto, mediado pelas ferramentas digitais. Para tanto, baseamo-nos em autores como Levy (1993), Preto (1996), Sampaio e Leite (2010), dentre outros. Esta pesquisa privilegiou a abordagem qualitativa, utilizando da entrevista, observação. Portanto, este trabalho está organizado em dois momentos: no primeiro, à luz de depoimentos de alunos e professores do Ensino Médio, falamos sobre a influência da cultura tecnológica na vida da nova geração, traçando um paralelo entre “mundo net” e escola; no segundo, também a partir e sob concepções de alunos e professores, reforçamos a necessidade de inserção das tecnologias na educação, considerando que, se integradas conscientemente ao fazer pedagógico, podem (re) significar o processo de ensino-aprendizagem, podendo contribuir para o fazer educação.

Palavras-chave: Jovens. Novas Tecnologias. Contexto Escolar. Concepções e Práticas de Professores.

I. INTRODUÇÃO:

O presente trabalho tem por finalidade refletir sobre a relação aluno-professor na escola da sociedade atual, mediada pelas ferramentas digitais. Portanto, abordaremos aqui os desafios – e também as possibilidades – para o trabalho do professor diante das novas tecnologias, sob a ótica da relação entre os jovens dessa *geração net* (ver Tapscott *apud* Kenski, 2008. p. 115) e os professores. Para tanto, este trabalho apoia-se em autores como Levy (1993), Preto (1996), Sampaio e Leite (2010), Moraes (2002), Peixoto (2009), dentre outros.

Este diálogo está dividido em duas seções. Na primeira, intitulada “*A nova geração e o fazer do professor face às tecnologias: uma possibilidade para fazer educação*”, tecemos algumas considerações sobre a influência da cultura tecnológica na vida da nova geração e o que a escola tem a ver com isso, enfatizando a necessidade de, como diz Morin (1998), (re) inventarmos a educação nesta nossa era invadida pela imagem eletrônica. Na segunda, intitulada “*Os jovens e as tecnologias: e agora professor?*”, falamos acerca da necessidade de inserção das tecnologias ao ensino, visto que a escola, enquanto instituição social, não pode ignorar o processo de mudança pelo qual passa a sociedade atual. Por fim, nas considerações

finais, reforçamos que, caso não sejam repensadas, as tecnologias por si só não garantem a qualidade da educação, mas se integradas conscientemente podem (re) significar o processo de ensino-aprendizagem, podendo contribuir *para e com* o fazer educação, um fazer para além de transmissão de conhecimento e sim pautado no sentido de pensar e viver a construção coletiva no espaço da sala de aula ou na cibercultura.

II. A NOVA GERAÇÃO E O FAZER DO PROFESSOR FACE ÀS TECNOLOGIAS: uma possibilidade para fazer educação

A nova geração – a “geração net”– está inserida num contexto fortemente caracterizado pela presença das tecnologias. E, como sabemos, o contato com essas ferramentas influencia, positiva ou negativamente, na construção das identidades de nossos jovens. Se até pouco tempo o contato mais direto dos jovens e adolescentes eram com a TV, hoje esse contato articula-se à cultura da internet, do celular e do vídeo game, considerados ferramentas digitais que podem ser entendidos como redes de relacionamentos que ultrapassam as antigas fronteiras da família, escola e bairros. Neste sentido, Leite (2009) expõe que:

No entanto, o que permite afirmar que jovens e adolescentes são especialmente atingidos por esses enunciados é não apenas o fato de construírem uma geração que conviveu desde sempre com a cultura televisiva que faz do adolescente uma quase onipresença. (LEITE 2009, p. 126)

E continua dizendo:

Nossos adolescentes dialogam com discurso da cultura do computador e da internet, do videogame e do celular (...). Jovens e adolescentes da contemporaneidade convivem com a possibilidade de participar de redes de relacionamento que ultrapassam as antigas fronteiras da família, da escola e do bairro. (LEITE 2009, p. 126)

Na mesma linha de raciocínio de Leite (2009), figuram falas de uma professora e de um aluno do Ensino médio sobre suas relações com as tecnologias, deixando evidente que essa relação não é a mesma para ambos.

Eu sei que sei bem menos do que meus alunos sobre tecnologias. Eles já nasceram nessa época tecnológica, enquanto eu pertenci a uma época em que as tecnologias eram mais simples. Hoje a tecnologia a mais falada é o computador e a Internet, que estão entanto pouco a pouco na escola, mas o aluno tem contato muito forte com essas ferramentas fora da escola, então quando o professor tenta trabalhar com elas o aluno já a conhece a tempo. Ou seja, o aluno tem contato com as tecnologias antes que o professor, que,

neste contexto, acaba sendo o atrasado. (MARIA APARECIDA, professora do Ensino Médio).

Desde pequeno tive brinquedos de controle remoto, carrinhos, motos, cavalos. Já possuí vários celulares. Lá em casa, todo mundo tem um notebook. A Internet facilita muito a vida da gente, traz diversão, porque a gente tem acesso a jogos, pesquisas, redes sociais, compras on-line. Então, tudo fica mais fácil com as tecnologias em nossa vida. (HÉRICLES, estudante do Ensino Médio).

Como se percebe nos depoimentos, enquanto o aluno afirma ter contato com as tecnologias desde pequeno, a professora, por dominar muito pouco as ferramentas digitais, se considera uma ‘atrasada’ em relação ao estudante e justifica isso dizendo que seu aluno nasceu em tempos digitais, enquanto ela numa época em que as tecnologias eram mais simples e ainda inexistia o computador e a Internet. Diante desse contexto, a relação professor e “geração net” são percebidas por Leite (2009) como um encontro entre terráqueas e alienígenas, ou seja, entre professores e alunos, por não falarem a mesma “língua”, por perceberem o mundo de formas distintas.

Assim, os alunos acompanham as mudanças imediatas da tecnologia, enquanto seus educadores permanecem estacionados. Enquanto os primeiros conseguem fazer uso de várias ferramentas do ciberespaço, alguns dos últimos, com timidez, vão aos poucos aprendendo, outros resistindo estando pouco ou quase nunca presentes nas práticas culturais na *cibercultura*. Aliás, o processo de reconstruir o olhar e a prática integrando as TICs ao seu fazer demanda um longo caminho na formação docente. A esse respeito, um diretor de uma escola pública do Ensino Médio se posiciona:

Eu acredito que não é possível fazer com que nossos professores de uma hora para outra aprendam a lidar com as tecnologias em seu trabalho. Isso demanda tempo. Agora é que o discurso de que é importante trazer as tecnologias para a escola está em evidências. E muita coisa está mudando. Há 10 anos atrás, por exemplo, nossas escolas e nossos professores eram outros. Nos últimos anos, estou percebendo a presença cada vez mais forte das tecnologias na educação e os professores aos poucos estão se acostumando com ela. É claro que há muita resistência. Muitos professores desconhecem, sentem medo, e isso é normal. Aos poucos a gente vai mudando as coisas, quebrando barreiras, trazendo o novo. Nada é da noite pro dia. Temos um caminho longo pela frente. (DAVID, diretor)

Portanto, como fica evidente na fala do diretor, falar em educação no século XXI implica na necessidade de falar em mudança, inovação, formação tecnológica docente. Nesse sentido, Morin (1998) enfatiza que *hoje, é preciso inventar um novo modelo de educação, já que estamos numa época que favorece a oportunidade de disseminar um outro modo de*

pensamento. Deste modo, ao levarmos a reflexão para o âmbito tecnológico no contexto escolar, podemos sublinhar que o essencial não é perceber a tecnologia como algo separado da metodologia trabalhada. É preciso um novo olhar à pedagogia que vise um diálogo participativo, de modo a ocasionar para a sala de aula a presença dos recursos tecnológicos, recursos estes que já fazem parte do cotidiano dos seus educandos, fora dos muros da escola. Ocasionar as trocas de experiências entre as pessoas, engajamentos e fortalecimento do diálogo na construção de novos saberes que busquem, sobretudo, o sentido do cidadão consciente do seu tempo e de sua participação.

Partindo do pressuposto de que a escola também é vista como espaço de construção da sociedade da informação, e o faz de modo intencional, o/a professor/a deve ter a competência para lidar com a informação na sociedade da aprendizagem, pois seu valor informativo deverá ter níveis diferentes de acordo com o acesso que seus estudantes possam ter a outras fontes de informação. E hoje em dia, um dos recursos fortemente marcado nessa sociedade da informação é a informática, conforme Moraes (2002, p. 51), “*a informática já está presente e seu uso é inquestionável em quase todos os ramos das atividades humanas*”.

Diante de um mundo circunscrito de todos os lados pelo fenômeno da globalização, o qual nos põe de frente com a célere difusão de informações, às mais diversas possíveis, atualmente podemos nos comunicar, expressar e nos informar de maneira oral, visual, escrita e audiovisual, como por exemplo, por meio do uso do celular, assim como, do computador (via e-mail, blog, bate papo, chat, site, Orkut, MSN, e demais recursos digitais), rádio, TV, cartas, jornais, revistas, livros, entre outros. E esse poder de comunicação e expressão deve e precisa ser canalizado para novas construções de novos conhecimentos significativos, que, sobretudo, reconheçam a importância da democratização do conhecimento assim como a urgência da inclusão digital e social.

Sobre a questão da informação e do conhecimento na sociedade “tecnologizada”, alguns entrevistados, professores e alunos, expõem:

A informação está em toda parte. Mas é importante lembrarmos que existe muita informação, mas nem todas são confiáveis, porque como a gente sabe qualquer pessoa pode publicar na internet, postar comentários, vídeos, fotos, links, notas, etc. o professor precisa ensinar o aluno a questionar as informações que ele encontra na rede, saber selecionar as informações. Outra coisa importante é ter a consciência de que a informação disponível na Internet, nas redes sociais não é conhecimento ainda. Só passará a ser conhecimento a partir do momento que nós refetirmos sobre essas informações. Informação é notícia, não pode ser vista como conhecimento. Conhecimento é algo bem mais amplo. (CLAUDIMÁRIA, professora do Ensino Médio).

Não consigo me ver sem a Internet e o celular. (CAMILA, estudante do Ensino Médio).

Sou viciada no Facebook. Por meio dele, eu converso com meus amigos, me informo das coisas, posto coisas, fico atendida. (AYLA, estudante do Ensino Médio).

É impressionante a quantidade de informação que tem a nossa volta graças às tecnologias. No Google, por exemplo, tudo o que você pensar em pesquisar encontra. Então as tecnologias ajudam demais as pessoas a aprender, a se informarem das coisas, a saber o que acontece no Brasil e no mundo. Os trabalhos da escola mesmo, tudo o que quiser pesquisar acha na Internet e isso ajuda muito a gente a aprender, fazer pesquisa, realizar os trabalhos. (FRANKLIN, estudante do Ensino Médio).

A sociedade está cada vez mais 'tecnologizada', né? Hoje em dia, pelo menos os mais jovens, todos ou a maioria tem celular e acesso ao computador com Internet. Isso significa que a relação com o saber e com a informação acontece de forma muito mais veloz e dinâmica que se fosse somente por meio do livro. (ENILSON, professor do ensino Médio).

Neste sentido, o que seria o indivíduo sem as tecnologias? Como se observa na fala de dois estudantes, há uma certa dependência, vício, desses em relação à Internet, pois não se veem distante dela. Mas é preciso ter claro que o mobilizador de toda a rede é as pessoas. Todas as práticas culturais na rede são construídas, modificadas por pares. Neste sentido, a participação efetiva enquanto sujeitos que não só consomem informações, mas sobretudo as produzem e atualizam.

A partir desses pressupostos, *é certo que os recursos tecnológicos disponíveis em cada momento histórico interferem na organização social de cada tempo e que as TIC têm influenciado de forma marcante as formas de comunicação entre os sujeitos* (PEIXOTO 2009, p. 218). Deste modo, cabe ressaltar que os recursos tecnológicos tornaram-se o marco dos estudos modernos, pois, estes podem subsidiar soluções mais eficazes para atender e motivar os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Devido a isso, alguns pensadores buscaram descobrir uma necessidade crescente de procurar uma visão holística dos fatos e do mundo, uma vez que os fenômenos já não são mais isolados, desconectados e descontextualizados. Sendo assim, é importante repensar o papel do/da professor/a em contribuir significativamente para a formação de cidadãos críticos para esta sociedade, conscientes de que estamos em um tempo onde a informação é cada vez mais veloz. Com efeito, cabe à escola integrar-se a essa nova forma de desenvolver a aprendizagem para que o/a estudante se sinta incluso nessa nova realidade social. Inclusão

esta que advoga a sensibilidade, o respeito, o sentido de ser e estar na condição de ser humano em como sujeitos inacabados.

Nesse sentido, Morin (1998) enfatiza que *hoje, é preciso inventar um novo modelo de educação, já que estamos numa época que favorece a oportunidade de disseminar um outro modo de pensamento*. Deste modo, se levarmos essa reflexão para o âmbito tecnológico no contexto escolar, podemos sublinhar que o essencial não é perceber a tecnologia como algo separado da metodologia trabalhada. É preciso um novo olhar à pedagogia que vise um diálogo participativo, de modo a ocasionar para a sala de aula a presença dos recursos tecnológicos, recursos estes que já fazem parte do cotidiano dos seus educandos, fora dos muros da escola. Ocasionar as trocas de experiências entre as pessoas, engajamentos e fortalecimento do diálogo na construção de novos saberes que busquem, sobretudo, o sentido do cidadão consciente do seu tempo e de sua participação.

Cada professor tem uma metodologia. Alguns são mais inovadores, outros nem tanto. Neste caso, usar as tecnologias em sala de aula é, na verdade, aperfeiçoar essas metodologias. Como nossos alunos usam as tecnologias fora da escola, trazê-las para a escola seria uma estratégia metodológica para atrair nossos alunos e fazê-los aprender mais e com prazer. (CLAUDIMÁRIA, professora do Ensino Médio).

Partindo do pressuposto de que a escola também é vista como espaço de construção da sociedade da informação, e o faz de modo intencional, o/a professor/a deve ter a competência para lidar com a informação na sociedade da aprendizagem, pois seu valor informativo deverá ter níveis diferentes de acordo com o acesso que seus estudantes possam ter a outras fontes de informação. E hoje em dia, um dos recursos fortemente marcado nessa sociedade da informação é a informática, conforme Moraes (2002, p. 51), *“a informática já está presente e seu uso é inquestionável em quase todos os ramos das atividades humanas”*.

Se considerarmos a tecnologia na educação como uma questão de transformação, faz-se preciso que estabeleça um elo entre a utilização dos recursos tecnológicos com a transformação das práticas pedagógicas. No entanto, a escola é chamada a construir um novo caminho sob a realidade vigente, se tornando capaz de acompanhar tais mudanças e dialogar com as mesmas, caso contrário, esta se tornará alheia ao mundo que cerca seus estudantes, fato que poderá culminar numa dissociação entre o que se aprende na escola com o que ensina o mundo fora dela.

Estamos numa nova geração, são novos tempos. Portanto, não se faz educação como antigamente, não se aprende mais como antes. [...] A escola

precisa repensar, se inventar. Ela não pode deixar de trabalhar com tecnologias porque fora dela a tecnologia existe. (JACIARA, professora do Ensino Médio).

À luz desses pressupostos, ressaltamos que é possível construir uma escola que esteja focada em um plano de ação interagido com as mudanças e necessidades sociais, dando espaço ao uso dos meios audiovisuais e da tecnologia em geral, de forma que haja melhoramento nas aprendizagens, ou seja, que seja possível pensar no sucesso da aprendizagem numa perspectiva da construção coletiva. Como acredita um dos professores entrevistados, *as tecnologias por si só não fazem nenhum milagre na escola, mas se trabalhadas pela escola de forma inteligente podem auxiliar o processo de ensino-aprendizagem, além de ajudar nas questões administrativas da escola.* (ENILSON, professor do Ensino Médio).

III. OS JOVENS E AS TECNOLOGIAS: e agora professor?

Em uma sociedade chamada por muitos de tecnológica (SAMPAIO & LEITE, 2010; CASTELLS, 2003; LEVY, 1993), computadores, Internet, televisores, celulares, ipods etc. estão por toda parte. E são vários os modelos, marcas e funções dessas ferramentas. O celular, por exemplo, que até pouco tempo era usado apenas para ligações, hoje é um instrumento de múltiplas funções: possibilita jogar, fotografar, gravar vídeos, acessar a Internet. E o que falar das redes sociais e ferramentas relacionadas? Orkut, Facebook, Twitter, Badoo, Quepasa, Blogs, Messenger, e-mails, lojas virtuais são do conhecimento de muita gente. As gerações mais jovens, que nasceram e/ou cresceram na era digital, são as mais familiarizadas com essas novas tecnologias. Algumas falas nos ajudam a compreender isso:

Eu tenho 4 e-mails, tenho MSN, Facebook, Orkut, Quepasa, Badoo, Pof, Twiter, Brasilcupido, Parceiros, B2. Alguns eu acesso mais que outros. O Facebook é o que eu mais acesso. Gosto de bater papo, fazer amigos, me informar... (CAMILA, estudante do Ensino Médio).

Eu tenho 3 celulares. Gosto de comprar capas diferentes para variar também. (ALINE, estudante do Ensino Médio).

Tinha um celular que só fazia ligações, mas aí comprei esse aqui que tira foto, grava, ouve músicas, tem Internet. Evolução, né? (risos). (PABLO HÍTALO, estudante do Ensino Médio).

Ter celular e computador são uma necessidade. (HÉRICLES, estudante do Ensino Médio).

À luz desses pressupostos, como esses jovens estão experienciando na cibercultura? Que conhecimentos e saberes estão construindo? Como podemos perceber, o mundo neste último século vem desenvolvendo, em termos de produção material e cultural, mais radicalmente do que nos séculos passados (SAMPAIO & LEITE, 2010). Como consequência, o uso cada vez mais presente dos meios audiovisuais e de tecnologia em geral na sociedade mudou muito o dia-a-dia das pessoas, afetando vários aspectos de nossas vidas (a forma como nos relacionamos, como vemos o mundo, como vivemos, como pensamos e agimos, como aprendemos, como ensinamos). Em outras palavras, podemos dizer que a disseminação da tecnologia na sociedade ('marca' da contemporaneidade) deu uma nova face à sociedade e, conseqüentemente, aos indivíduos que nela estão inseridos, atribuindo-lhes novas condutas e um novo pensar.

À luz de tais reflexões, poderíamos indagar: devem estar presentes nas escolas estas tecnologias que cada vez mais crescem na sociedade e, sem subterfúgio, interferem (positiva ou negativamente, direta ou indiretamente) na vida cotidiana das pessoas? De acordo com Tardy (1976), a presença dos meios audiovisuais na escola ainda cria uma situação totalmente inédita e incômoda, visto que do ponto de vista cultural e pedagógico o professor muitas vezes é o ignorante em relação às habilidades necessárias para o uso das tecnologias digitais.

Os alunos têm um conhecimento das mensagens visuais e uma familiaridade no que respeita a elas [as tecnologias em geral] que os adultos não têm. Além do mais, a nova geração nasceu num universo invadido pela imagem: esta sempre fez parte de seu horizonte cultural. Em contrapartida, os adultos que desejam interessar-se seriamente [...] vivem um processo de laborioso de aculturação. (TARDY, 1976, p. 26)

Como se percebe, alunos e professores, no que se refere à sua relação com as tecnologias, pertencem, respectivamente, a uma civilização icônica e pré-icônica: enquanto aqueles nasceram e/ou cresceram na era digital (sendo, portanto, nativos digitais), estes se veem obrigados a fazer uma verdadeira conversão mental e viverem o processo 'doloroso' de aculturação dessa nova linguagem que vem sendo falada no mundo a fora, que é a linguagem digital. Como possível reflexão acerca dessa questão, figuram depoimentos de alguns professores:

Eu fico impressionada com a facilidade que essa garotada tem com as tecnologias! (CLAUDIMÁRIA, professora do Ensino Médio).

Preciso aprender a lidar com o computador. Me acho velha para isso. Não é da minha época. Mas como é uma necessidade, preciso me atualizar e

aprender a lidar com o computador é uma dessas necessidades de atualização. (ELISANGELA, professora do Ensino Médio).

O professor não pode ficar enferrujado. Ele precisa estar sempre em formação. E, como tenho observado, uma das necessidades de formação diz respeito à carência de seu saber tecnológico. O professor não pode deixar de se preocupar com isso, ele tem que aprender porque o aluno cobra do professor. (ENILSON, professor do Ensino Médio).

Não sou da época do computador. Sou da época da lamparina, do querosene, do lampião a gás, do fogão a lenha. Hoje é que me relaciono com a geladeira, televisão, lâmpadas, chuveiro quente, computador. Aprendi algumas coisas sobre o computador, mas muito tenho a avançar. Sei elaborar atividades no word, enviar e-mails, fazer inscrições. Mas preciso aprender a baixar vídeos, músicas. Muitas vezes são os alunos que me ajudam na sala de aula. Quando quero dar aula na sala de vídeos ou usar a TV pendrive, eles me orientam e assumem o controle do computador. (VERA, professora do Ensino Médio).

Compreende-se, então, que a presença das tecnologias em nosso cotidiano lança novos desafios aos educadores: como, por que e para que inserir as tecnologias na escola? Qual o papel do professor nessa nova forma de ensinar e aprender, ou seja, de fazer educação? Como possível reflexão acerca desses questionamentos, Sampaio e Leite (2010) se posicionam:

[...] a escola, enquanto instituição social que tem como função preparar cidadãos para o trabalho e para a vida, não pode e não deve ficar à margem do processo de “tecnologização” da sociedade, sob pena de se tornar defasada, desinteressante, alienada, e de não cumprir suas funções. (SAMPAIO & LEITE, 2010, p. 19)

Como defende Sampaio e Leite (2010), a inserção das novas tecnologias ao ensino é uma necessidade, visto que a escola, enquanto instituição social cujas referências de conhecimento têm se alterado, não pode ignorar esse processo e precisa, portanto, acompanhar a evolução da sociedade. Daí a necessidade de o profissional docente estar em constante formação, principalmente no que tange à inserção dos recursos tecnológicos aplicados ao ensino.

A escola não pode virar as costas para as tecnologias. Elas podem ajudar na gestão da escola, na administração e parte pedagógica. Escola sem tecnologia hoje implica numa escola desvinculada da sociedade, numa escola que não acompanha as mudanças sociais. (JACIARA, professora do Ensino Médio).

Mas de nada vale levar tecnologia às escolas sem repensá-la. Segundo Pretto (1996), essas ferramentas por si só não garantem a qualidade e, portanto, em nada contribuem para a construção de uma nova escola/educação se não forem vistas como possibilidades para o

ofertar de uma formação integral e como possíveis caminhos para o (re) significar do processo de ensino-aprendizagem.

Não basta, portanto, introduzir na escola o vídeo, televisão, computador ou mesmo todos os recursos multimidiáticos para fazer uma nova educação. É necessário repensá-la em outros tempos, porque é evidente que a educação numa sociedade dos *mass media*, da comunicação generalizada, não pode prescindir da presença desses novos recursos. Porém, essa presença, por si só, não garante essa nova escola, essa nova educação. (PRETTO, 1996, p. 112)

Complementando Pretto (1996), Gadotti (2000) se manifesta:

Na sociedade da informação, a escola deve servir de *bússola* para navegar nesse mar do conhecimento, superando a visão utilitarista de oferecer informações “úteis” à competitividade, para obter resultados. Deve oferecer uma formação geral na direção de uma educação integral. (GADOTTI, 2000, p. 250)

A esse respeito, uma professora entrevistada se posiciona:

A tecnologia não pode existir na escola somente para enfeite. De nada vale um laboratório fechado, com computadores parados. Ter computador só para dizer que tem não vale a pena. E também usá-los sem objetivos, claro é uma roubada. (CLÁUDIA, professora do Ensino Médio).

Não temos para onde fugir: vivemos na era da informação, do conhecimento, das tecnologias e compreendê-las em sua essência social, política e cultural é decisório nos processos de mediação. E a escola, como instituição social desta era, não pode desconhecer este contexto. Pelo contrário: precisa reconhecer que o ensinar e o aprender neste mundo digital acontecem de forma muito diferente de épocas passadas. Neste ‘novo mundo’, a escola precisa considerar que não se aprende mais somente com livros, cadernos, lousa e giz. Novos tempos exigem novas escolas, novas formas de fazer educação/educações. Por isso, livros, cadernos, lousa e giz cada vez mais estão sendo substituídas pela mídia digital, que em um curto espaço/tempo comporta todas essas – e quem sabe outras – funções, visto que as referências de espaço/tempo hoje são outras.

Contudo, estamos cientes de que o processo de inclusão digital ainda é um desafio a ser superado pelas políticas públicas em diálogos com as comunidades, assim como o analfabetismo ainda persiste principalmente no interior do Brasil. São muitas as crianças, os jovens e os adultos que carecem de uma escola que de fato promova uma educação em reais condições que a sociedade da informação demanda. Mas essa construção é desafio para todos.

CONCLUSÃO:

Neste trabalho, tecemos algumas reflexões sobre a relação aluno-professor na escola da sociedade atual, mediada pelas ferramentas digitais. Compreendemos que a presença cada vez mais forte das tecnologias em nosso cotidiano representa novos desafios aos educadores. Por outro lado, porém, representa também novas possibilidades ao fazer pedagógico do professor. Como diz Sampaio e Leite (2010), a escola, enquanto instituição social com ação intencional de formação, não pode e não deve ficar à margem do processo de “tecnologização” da sociedade, pois está a serviço da sociedade e como tal tem a função de preparar cidadãos para a vida, capazes de dominar as linguagens necessárias para que saiam da condição de excluídos para a condição de sujeitos emancipados e participantes da dinâmica social.

Enfim, sabemos que as crianças e os jovens desta ‘era net’ passam cada vez mais tempo conectados. Portanto, usar essas ferramentas na sala de aula e no cotidiano da escolarização pode ser uma possibilidade para atrair a atenção desses educandos, estimulando-os a aprender cada vez mais e melhor. Dessa forma, as tecnologias podem ser aliadas do professor no desenvolvimento de suas aulas. No entanto, é preciso ter em mente que essas ferramentas por si só não fazem milagre e, portanto, não garantem a qualidade caso não sejam repensadas, mas, se usadas conscientemente, podem representar possíveis caminhos para o (re) significar do processo de ensino-aprendizagem, podendo contribuir *para e com* a formação dos educandos/educadores, se constituindo, assim, em instrumentos capazes de fazer e repensar a educação.

REFERÊNCIAS:

CASTELLS, M. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Trad. De Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro; Zahar, 2003.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas Atuais da Educação.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

LEITE, Miriam Soares. Entre a bola e o mp3- novas tecnologias e diálogo intercultural no cotidiano escolar adolescente. In: CANDAU, Vera. **Didática: questões contemporâneas.** Rio de Janeiro: Forma & Ação, 2009. p. 121-138.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** Rio de Janeiro: editora 34, 1993.

MORAES, Raquel de Almeida. **Rumos da informática educativa no Brasil.** Brasília: Plano Editora, 2002.

MORIN, Edgard. Os países latinos têm culturas vivas. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 05, set., 1998. p. 4. Caderno Ideias/Livros.

PEIXOTO, Joana. Tecnologia na educação: uma questão de transformação ou de formação? In: GARCIA, Dirce Maria Falcone (Org). **Formação e profissão docente em tempos digitais**. Campinas, SP: alínea, 2009, p. 217-235.

PRETTO, Nelson de Luca. **Uma escola sem/com futuro**. Campinas: Papirus, 1996.

SAMPAIO, Maria Narcizo; LEITE, Lígia Silva. **Alfabetização tecnológica do professor**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

TARDY, Michel. **O professor e as imagens**. São Paulo: Cultrix, 1976.